

Artigo
Corpo Docente

Palavras-chave

Jornalismo e literatura
Dalton Trevisan
300 anos de Curitiba

Keywords

journalism and literature
Dalton Trevisan
300th Curitiba Anniversary

Dalton Trevisan: Uma voz dissonante nas comemorações dos 300 anos de Curitiba

Roberto Nicolato*

Resumo

As relações entre o espaço urbano (mais especificamente a cidade de Curitiba) e a obra de Dalton Trevisan despertam cada vez mais atenção no campo dos estudos literários. É possível afirmar que a capital paranaense se configure como uma personagem autônoma na obra do escritor; uma visão que pode ser evidenciada nos textos que compõem o livro *Em busca de Curitiba Perdida*, lançado em 1992, durante os preparativos do aniversário dos 300 anos da cidade, que aconteceria no ano seguinte. Este estudo procura realizar um contraponto dos textos ficcionais de Dalton Trevisan — especificamente “Curitiba revisitada”, publicados no *Em Busca de Curitiba Perdida* —, com o discurso positivo divulgado nos órgãos de imprensa por ocasião do aniversário da capital paranaense, ou seja, revela de que modo o escritor enseja desconstruir ou abalar as teses de Curitiba como cidade-modelo e capital-ecológica.

Abstract

Even more often the relation between urban space (more specifically in Curitiba) and Dalton Trevisan's work draws attention to itself in the literary field. It is possible to affirm that Curitiba, the capitol of Parana State, is the major character of the autor. This major role can be spotted in the book *Em busca de Curitiba Perdida*, released in 1992, by the time of the 300th Curitiba Anniversary Party.

Biografia

* Jornalista, mestre e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, professor adjunto do Curso de Jornalismo da UNIBRASIL e da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

This specific study intends to bring up the counterpoint between Dalton's fictional work as in *Curitiba Revisitada* (in *Em Busca de Curitiba Perdida*) and the governor's official speech reported through the media

over the 300th Curitiba Anniversary. Eventually, this study reveals the author's ways to deconstruct and shake all the thesis showing Curitiba as a model city and an ecological city.

Assim como Walter Benjamin nos convida na introdução à abertura de "Tiergarten" – o primeiro capítulo da obra *Infância em Berlim por volta de 1900* – a aprender a arte de se perder na cidade – Dalton Trevisan vai nos conduzir nas páginas do livro *Em busca de Curitiba perdida* por caminhos tortuosos, múltiplos e enganosos; por uma cidade diversa da metrópole de hoje que carrega o título de "cidade modelo". "*Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta requer instrução*".¹

As instruções descritas no testemunho ficcional de Trevisan, antes de tudo, procuram desconstruir a via de mão única reforçada pela propaganda oficial a respeito da cidade, na medida em que são ditadas por uma fina ironia que perpassam os textos híbridos² e integram a obra *Em busca de Curitiba perdida*. Entre eles "Curitiba revisitada" que aparece como citação de "Lisbón Revisited" de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Nessa linha de raciocínio, a comparação de D.C. Muecke, citando Kierkegaard, nos mostra bastante pertinente: "*assim como os filósofos afirmam que não é possível*

uma verdadeira filosofia sem a dúvida, assim também pela mesma razão pode-se afirmar que não é possível a vida humana autêntica sem a ironia".³

E como tal, a ironia que permeia a obra dos principais escritores da literatura universal está na própria fundação do discurso por ser capaz de descobrir e desnudar uma realidade que não se mostra evidente.

Dizer que a história é o registro da falibilidade humana e que a história do pensamento é o registro da descoberta recorrente de que aquilo que garantimos ser a verdade era, na verdade, apenas uma verdade aparente, equivale a dizer que a literatura sempre teve um campo incomensurável, onde se pode observar e praticar a ironia.⁴

Em Dalton Trevisan, a ironia vai acompanhar todo o discurso ficcional e essa marca, no que tange como contraponto à visão positiva da cidade, é bastante evidenciada no livro *Em busca de Curitiba perdida*, a começar pela data de lançamento da obra – em 1992, no auge dos preparativos para a comemoração dos 300 anos de capital paranaense, que ocorreu em 29 de março de 1993. Nesse caso,

¹ BENJAMIM, Walter, *Obras escolhidas III, op.cit.*, p. 73.

² Considera-se textos híbridos aqueles diferentes do conto, que se aproximam da crônica e do poema em prosa, escritos em primeira pessoa.

³ MUECKE, D.C., *Ironia e o irônico*, São Paulo, Perspectiva, 1995, p. 19.

⁴ *Ibidem*, p. 19.

as veredas trilhadas por Dalton Trevisan tornam-se um contraponto à expressão do pensamento unidirecional, manifestado nos principais meios de comunicação impressos da cidade por ocasião do aniversário da cidade. Marcas já reveladas em outubro de 1991, quando a *Veja Curitiba* publicou um suplemento publicitário com o título “Curitiba-Ano 298”, compreendendo 20 páginas. O suplemento é um preparativo para a festa dos 300 anos. Mostra as soluções urbanísticas de Curitiba, ressaltada por suas características de “cidade modelo” e “capital ecológica”, e, na última página, traz a programação do terceiro centenário, assinada pela Comissão do Terceiro Centenário. Foi inclusive confeccionado um “Calendário de Eventos Curitiba 300 Anos”.

No momento em que o discurso oficial ganha dimensão unívoca e de supremacia, Dalton Trevisan vai reunir no livro *Em busca de Curitiba perdida* uma série de textos que apresentam uma visão diversa daquela do discurso predominante, muitos dos quais serão publicados pela primeira vez como “Quem tem medo de vampiro”, “Cartinha a um velho poeta”, “Lamentações da Rua Ubaldino”, “Cartinha a um velho prosador”, “Receita de curitibana” e “Curitiba revisitada”. Posteriormente, esses textos vão integrar o livro *Dinorá*.

Na publicação *Em busca de Curitiba perdida*, constam ainda ilustrações do pintor e escultor paranaense Poty Lazarotto, contemporâneo e amigo de Trevisan, que também deixou impressos seus trabalhos, juntamente com

Guido Viaro, nas poucas edições (foram apenas 21 números) da revista *Joaquim*, editada pelo escritor curitibano na década de 40. Na última página de *Em busca...*, foi reproduzido um desenho de um homem de costas, que se repete na orelha da edição de 1994 e é identificado como o escritor, em cuja mão direita o punho mostra-se cerrado; a esquerda leva “pequenas armas”, alguns livros.

Esses cinco textos que são permeados de ironia - e nos quais o narrador faz uma crítica nada velada a personagens da Igreja, da Literatura e da Administração Municipal - deveriam ser agrupados num outro livro a ser publicado com o título *Os sete segredos de Curitiba*, conforme indicação do autor no final de cada texto. Eles acabaram integrando, em 1994, o livro *Dinorá: novos mistérios*.

Não nos cabe aqui fazer uma análise de todos os textos, mas promover um contraponto entre o discurso que prevalecia nos preparativos e nos festejos dos 300 anos presente em alguns dos principais textos publicados nos jornais da cidade (*Gazeta do Povo*, *O Estado do Paraná* e *Folha do Paraná*) e na ironia contida na obra *Em busca de Curitiba perdida*, mais especificamente no texto “Curitiba revisitada”. Ironia que, na verdade, pode ser definida como o contraste entre uma realidade e uma aparência, ou como afirma D.C. Muecke, quando “(...) todos mais ou menos plausivelmente afirmam estar dizendo ou fazendo alguma coisa, enquanto na realidade transmitem uma mensagem totalmente diferente”⁵.

⁵ *Ibidem*, p. 52.

Esse conceito se aplica com justeza à publicação já na primeira página de *Em Busca de Curitiba Perdida* – antes mesmo da folha de rosto (em que está o título, editora e autor da obra) –, do “Hino Oficial de Curitiba”, instituído em 11.05.67, cuja letra é de autoria de Ciro Silva e música de Bento Mossurunga.

Essa atitude irônica demonstra, já de início, que o livro *Em busca de Curitiba perdida* teria o propósito de desconstruir o discurso positivo dos festejos dos 300 anos; afinal de contas, o que se verá nos textos a seguir não será a imagem do narrador alçando vôo nas asas de uma cidade descrita como jardim de rosa e de luz, como revela um trecho que cito do “Hino Oficial de Curitiba”:

I

*Cidade linda e amorosa
Da terra de Guairacá.
Jardim luz, cheia de rosa
Capital do Paraná.
Pela ridente paisagem
Pela riqueza que encerra,
Curitiba tem a imagem
Dum paraíso na terra.*

II

*Viver n'ela é um privilégio
Que goza quem n'ela está.
Jardim luz, cheio de rosa
Capital do Paraná.(...)*

O discurso unidirecional e unívoco sobre a cidade “modelo” e “ecológica” foi construído aos poucos, sendo reafirmado e reproduzido pelos meios de comunicação de massa da cidade. A maioria das reportagens e artigos publicados apresentou-se condescendente com a ideologia dominante, mesmo antes das comemorações dos 300 anos.

No dia 29 de março de 1992, quando a cidade completava 299 anos de existência, o jornal *Gazeta do Povo* publicou na página 18 uma reportagem bastante generosa sobre a cidade, além de um suplemento especial de 16 páginas, cujas manchetes de abertura dessas páginas estampavam aspectos positivos da capital.

As manchetes eram as seguintes: “*No plano social, os caminhos da igualdade*”, a respeito dos projetos da prefeitura; “*A cidade sorriso*”, sobre o sistema de transporte, meio ambiente e atendimento à criança, com fotos dos administradores municipal e estadual, e “*54.000 famílias atendidas pela habitação popular*”.

As páginas do suplemento também traziam propagandas institucionais de empresas instaladas na cidade. São anúncios ilustrados com ícones da “cidade modelo” (ligeirinho, lixo que não é lixo, Jardim Botânico, Ópera de Arame, Rua 24 horas).

À medida que as comemorações dos 300 anos vão se aproximando, o discurso sobre a cidade-modelo de planejamento urbano e de qualidade de vida se afirma com mais vigor ao mesmo tempo em que se apaga a Curitiba dos contrastes, da falta de moradia, dos rios poluídos, do desemprego, enfim, dos bolsões de pobreza. Desta forma, o discurso oficial será o único a prevalecer nos suplementos especiais de aniversário de 300 anos nos três jornais pesquisados. Apesar da passagem da data ocorrer no dia 29, os encartes foram publicados um dia antes, em 28 de março de 93, por se tratar de um domingo, mais adequado que uma segunda-feira, já que as pessoas estão com mais tempo livre para se dedicar à leitura.

A chamada da *Gazeta do Povo* para o suplemento, de 40 páginas, fala da história e das “soluções urbanísticas que colocaram a cidade na vanguarda do planejamento até a ênfase à ecologia, propiciando repercussão internacional”.⁶ Já a capa do suplemento traz como título “Curitiba, 300 anos de muitas histórias” e, em seu interior, as reportagens. A julgar pelos próprios títulos, revelam a disposição do veículo de coadunar com os benfazejos dos administradores: “Cidade ecológica”, “Planejamento urbano faz transformações”, “Cada habitante tem 52m² de área verde”, “Ippuc inova na solução para transporte”, “Crianças encontram aqui o cenário ideal” e “Viver n’ela é um privilégio, diz o hino”.

O escritor Dalton Trevisan também comparece no jornal com a reprodução, na abertura do “Caderno G”, com a versão de seu texto “Que fim levou o vampiro de Curitiba”, publicada em 1974 no livro *O pássaro de cinco asas*. O texto, num tom saudosista, é recheado de perguntas sobre o paradeiro de personagens de uma cidade perdida e sepultada, não oferecendo o caráter de crítica social explícito de “Curitiba revisitada”, da obra *Em busca...* Não se sabe se a escolha do texto foi feita pelo próprio autor ou se obedeceu a um critério editorial do jornal.

Já no dia 29 de março, aniversário da cidade, o jornal *Gazeta do Povo* vai publicar em editorial – que como espaço jornalístico expressa a posição dos jornais e dos grupos que os sustentam – intitulado “Exemplo de Cidade”, na página 6, mostrando todas as qualidades da cidade e o bom trabalho exercido pela

administração pública. Essa mesma edição vai trazer ainda a enquete “O encantamento pela cidade, constante entre os curitibanos”, em que as seis pessoas entrevistadas traduzem o mesmo pensamento para definir a cidade com a qualidade de vida ideal, sem que haja uma só voz ou algo discordante do que é concebido pela ideologia dominante.

O caderno especial de aniversário dos 300 anos, editado pelo jornal *O Estado do Paraná*, reproduz o mesmo discurso. A manchete de abertura da edição, que tem 16 páginas, é intitulada “Uma trezentona enxuta e moderna de Curitiba”, deixando claro para o leitor a cidade como modelo de urbanismo e de modernidade.

Ainda na primeira página do encarte, há um pequeno texto, assinado pelo prefeito da cidade e intitulado “300 anos de luz”, revelando assim a oficialidade que permeia esse tipo de publicação. Trata-se de um texto ufanista, de pretensões poéticas, sobre a história da cidade de Curitiba: “Comemorar é conhecer. O Brasil, tristemente, não conhece o Brasil. Luz de todas as manhãs, destes três séculos. Luz de ouro refletindo nas águas do rio Atuba, no sítio dos faiscaidores. Luz de velas acesas nos altares da primitiva matriz de taipa amassada a mão e chão batido. Luz do sol nas guaiacas dos tropeiros subindo os caminhos do Itupava”.⁷

Ao mesmo tempo, o discurso vai reforçar, de maneira disfarçada, o trabalho que a administração pública municipal estaria fazendo para tornar Curitiba a cidade-modelo, por excelência. Observe como termina o texto: “Comemorar é conhecer. Com este tema, vamos descobrir juntos os mistérios de Curitiba. Digem-na a melhor das cida-

⁶ *Gazeta do Povo*, 28 mar., 1993.

⁷ *O Estado do Paraná*, Caderno Especial, 28-29 mar., 1993, p. 1.

des do Brasil para se viver. Trabalharemos para que isto se confirme. Neste, e em muitos outros 300 anos".

No interior do caderno de aniversário, editado pelo jornal *O Estado do Paraná*, as outras manchetes que abrem as páginas revelam a disposição de reafirmar o pensamento da administração política daquele momento: "Prefeitura investe US\$ 171 milhões", "Cidade vira canteiro de obras", "Verde dá o tom da capital ecológica", "Curitiba é um Brasil diferente", "Curitiba busca as suas raízes históricas".

Na mesma linha, o jornal *Folha de Londrina* vai publicar o caderno especial "A Cidade do futuro" e um editorial com conteúdo unicamente positivo intitulado "Curitiba, festa e exemplo". No dia do aniversário propriamente dito, foram poucas as publicações, com destaque para o editorial da *Gazeta do Povo* "Curitiba – exemplo de Cidade".

As comemorações voltariam, no entanto, no dia seguinte com grandes manchetes sobre a festa na Avenida Marechal Deodoro no centro da cidade, que chegou a reunir cerca de 100 mil pessoas, segundo a polícia militar. A *Folha de Londrina* chegou a publicar uma matéria sobre o bebê dos 300 anos que seria um retrato da crise. A reportagem diz ser o bebê filho de um desempregado, mas deixa explícito que "ele carrega a marca da crise brasileira", isentando a administração da cidade de qualquer responsabilidade.

Fazendo um contraponto entre "Curitiba revisitada" com as comemorações do aniversário da cidade, vale ressaltar que

o texto traz algumas críticas bem datadas – específicas ao grupo político que administrava a cidade naquele momento – apesar de o autor ter desde o início de sua carreira insurgido contra a Curitiba do progresso desmedido e a qualquer poder instituído que tenha procurado sepultar a cidade de sua infância e juventude.

O texto de "Curitiba revisitada", já no início, faz em tom de crítica uma evocação à figura do(s) administrador(es) da cidade em razão às transformações ocorridas no trânsito e no seu perfil imobiliário que a distingue da "sua cidade", pequena e provinciana:

*Que fim ó Cara você deu à minha cidade
a outra sem casas demais sem carros demais sem
gente demais
ó Senhor sem chatos demais
essas tristes velhinhas tiritando nas praças
essas pobres santíssimas heróicas velhinhas
todas eram noivas todas tinham dezoito anos
todas coxas fosforescentes (...)*⁸

Logo após instaurar a sua cidade dentro de um outro modelo de urbanização, esse cronista – que também assume a figura de eu poético – vai atacar diretamente um dos mitos construídos pela administração municipal para reforçar no imaginário coletivo a imagem de Curitiba como cidade ideal e exemplo de qualidade de vida atestada por uma organização internacional:

*uma das três cidades do mundo de melhor qualidade de vida
ora o que significa uma comissão da ONU*

⁸ TREVISAN, *Em busca de...*, op.cit., p. 85.

*não me façam rir senhores
nem sejamos a esse ponto desfrutáveis
por uma comissão de vereadores da ONU⁹*

É importante observar que esse modelo propagado pela administração municipal encontrava eco em todos os setores da sociedade e principalmente nos jornais, como se pode comprovar nos editoriais “Curitiba – exemplo de cidade” e “Curitiba, festa e exemplo”, dos jornais *Gazeta do Povo* e *Folha de Londrina*, respectivamente:

A sorte de termos tido bons profeitos permitiu que a pequena Curitiba se transformasse nesta extraordinária cidade, onde os habitantes, além de contar com ótimos equipamentos urbanos e eficientes serviços, desfrutam dos benefícios de um pacto firmado com a natureza. É por isso, que a aprovação pelo Senado Federal, em regime de urgência, do financiamento do Programa de Saneamento Ambiental (Prosan), da Região Metropolitana(...) representa o melhor presente que a capital paranaense poderia receber nas festas dos 300 anos.¹⁰

Os 300 anos de Curitiba não é motivo de festa apenas para os curitibanos, nem também só dos paranaenses. É festa para o Brasil que há muito não se espelha no trabalho, na realização, nas lições que Curitiba vem dando, tendo se convertido, hoje, numa das poucas cidades do país em que vale a pena viver(...) Não se trata de um resultado natural, não é só consequência da boa terra, da boa semente, do clima adequado. É muito mais. É o resultado de trabalho, de dedicação, de

civismo e elevação de todo um povo. Pois se é certo que Curitiba tem se beneficiado de excelentes administrações ao longo dos anos, isso também não ocorre por acaso.¹¹

Na verdade, o editorial da *Folha de Londrina* chega a citar o próprio discurso do prefeito da cidade para validar a “cidade moderna” e inclusive a preservação da memória da cidade histórica que, na visão de Dalton Trevisan, está apenas no âmbito do imaginário: “Comemorar é conhecer e ninguém pode amar aquilo que não conhece, ninguém pode comemorar o que desconhece”. São as palavras do prefeito dos 300 anos, Rafael Greca, ao anunciar o calendário de eventos que festejarão a tricentenária Curitiba. É justo reconhecer que o prefeito Greca é um estimulador para que “muita gente conheça e ame Curitiba, preservando e divulgando a memória e a história da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”.

O texto de “Curitiba revisitada” também se insurge contra outro mito utilizado pela propaganda oficial: o da cidade ecológica. Em relação aos cinquenta metros quadrados de verde por habitante (não medidos, diga-se de passagem), tão propagado na imprensa antes e por ocasião do aniversário da cidade, Dalton utiliza-se da ironia para marcar seu posicionamento:

*cinquenta metros quadrados de verde por pessoa
de que te servem
se uma em duas vale por três chatos?
não me venham de terrorismo ecológico
você que defende a baleia corcunda do pólo sul
cobrir os muros de pegadas do besteiro tatibitate
grande protetor da minhocas dos Andes (...).¹²*

⁹ *Ibidem*, p. 86.

¹⁰ *Gazeta do Povo*, 29 mar., 1993.

¹¹ *Folha de Londrina*, 28 mar., 1993, p. 2.

¹² *Ibidem*, p. 87.

A tese da cidade ecológica foi divulgada em todos os jornais da cidade e não foi refutada nos cadernos comemorativos ao aniversário de Curitiba. Um exemplo é a reportagem intitulada “Verde dá o tom na capital ecológica”, publicada no jornal *O Estado do Paraná*, e que traz como “gravata” o seguinte subtítulo: “Parques têm mais de 2 milhões de metros quadrados de área verde”. O início da reportagem começa assim: “*Pode até parecer discurso demagógico, com uma pitada de pieguice, mas a cor de Curitiba é o verde. Quem duvidar é só subir na Torre da Telepar, no bairro das Mercês, e conferir. São praças, jardins, parques e bosques que coloreem a cidade, dando equilíbrio à paisagem urbana*”.

Mais adiante, o autor vai retomar a expressão “para turista ver” que já aparecia no texto “minha cidade” (posteriormente esse título foi substituído também por *Em busca de Curitiba perdida*) na década de 40, mostrando que a sua crítica é atemporal e está direcionada ao poder instituído, seja ele qual for. Por outro lado, o uso das palavras “acrílico azul”¹³ (que são os protetores de sol e chuva para pedestres instalados na Rua XV) também confere ao discurso algo mais datado, referindo-se às inovações urbanísticas mais recentes.

*nada com a tua Curitiba oficial enjoadinha ufanista
toda de acrílico azul para turista ver
da outra que eu sei
o amor de João retalha a bendita Maria (...)*¹⁴

Mas essa voz colérica que se alterna entre a poesia em prosa e a crônica não é contrária apenas ao discurso oficial, à falta de segurança nas ruas, e aos urbanistas que “apostam na corrida de rato dos malditos carros suprimindo o sinal e a vez do pedestre”.¹⁵ Ela também se insurge contra os barulhentos irmãos cenobitas e os chatos da cidade.

O autor não vai se reconhecer na cidade asséptica, politicamente correta e desprovida de acontecimentos – devido à ruptura das redes de sociabilidades –, provocados pelo acelerado processo de urbanização que a transformou numa metrópole. Nela, ele se sente exilado e recusa o aperto de mão como bem expressa na apropriação de “Lisbon revisited”, de Álvaro de Campos, que é inserido em “Curitiba revisitada” na forma de paráfrase, uma vez que o significado mantém-se o mesmo. Veja a comparação:

*“por favor não me dê a mão
não gosto que me peguem na mão”¹⁶
 (“Curitiba revisitada”)*

*“Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço”¹⁷
 (“Lisbon revisited”)*

E qual seria então a natureza dessa voz dissonante em Dalton Trevisan? Antes de partirmos para essa questão, é preciso enfatizar que ao publicar o livro *Em busca de Curitiba perdida*, nas proximidades das comemorações dos 300

¹³ TREVISAN, *Em busca de...*, op.cit., p. 88.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Ibidem*, p. 87.

¹⁶ *Ibidem*, p. 89.

¹⁷ PESSOA, Fernando, *O Eu profundo e os outros Eus*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

anos da cidade, Dalton revela a possibilidade de compreender as transformações vivenciadas em Curitiba sob um outro ponto de vista, num momento em que as várias instâncias e camadas sociais da cidade conjugam um mesmo discurso, qual seja, o da administração municipal.

Em segundo lugar, a dissonância, em DT, é mais que uma crítica a uma determinada circunstância, em que pese o texto “Curitiba revisitada” apontar para esse caminho. A publicação de *Em busca de Curitiba perdida* em 1992 deve ser vista dentro de um amplo contexto, uma vez que outra experiência nesse sentido foi empreendida pelo autor na republicação de “minha cidade”, já transformada em “Guia Histórico de Curitiba” por ocasião dos festejos do I Centenário de Emancipação do Paraná em 1953.¹⁸ Portanto, a natureza dessa dissonância não é tão efêmera quanto o discurso da efeméride presente nos festejos oficiais. Trata-se da voz de um sujeito que nega, a certa altura, as sucessivas transformações urbanas que vão pôr em xeque a noção de identidade e de pertencimento dos indivíduos no convívio social.

Dalton não é contra o sujeito moderno. Mesmo porque a construção do seu projeto literário, que se insurge contra o modelo literário simbolista, assim como o enredo e personagens em sua obra, nutrem-se da natureza da própria modernidade e no que ela carrega, em si, de contraditório.

Isso posto, o espaço da cidade é visto em seu aspecto positivo como ponto de aglo-

meração, de sociabilidades. Assim como o poeta francês Charles Baudelaire (considerado o pai da modernidade na literatura), Dalton compõe um discurso marcado pelo lirismo para representar o universo de personagens que circulam pelas ruas da cidade. E vai mais além, ao trazer também para a sua ficção as mazelas da união conjugal e a incomunicabilidade que permeiam as relações no universo sacrossanto do lar.

Enquanto Baudelaire vai compor a sua lírica a partir do cortejo heróico dos dândis, *flâneurs*, apaches, lésbicas, proletários e prostitutas da Paris da segunda metade do século 19, Dalton Trevisan vai “cantar” a realidade dos indivíduos dos bairros periféricos, das diversões populares, que freqüentam os bares e “infeminhos” de uma Curitiba provinciana em fase de transformação.

Em Baudelaire, assim como em Dalton, a natureza desse espaço, que começa a sofrer bruscas mudanças, vai se refletir, a partir de um determinado momento, num eu cindido que antevê um futuro menos glorioso para a cidade, e que nos permite pensar na modernidade tardia, representada pelo esvaziamento e a degradação das áreas centrais, da rua apenas como ponto de passagem do automóvel, das aglomerações humanas reduzidas aos condomínios fechados e aos *shoppings-centers*.

Essa contradição da modernidade, em Baudelaire, aparece com muita clareza no poema “O cisne”,¹⁹ no qual o poeta utiliza-se da metáfora do cisne – que no lugar de uma

¹⁸ Na republicação do texto, a cidade é caracterizada com as expressões “para inglês ver”, como algo enganoso, e de uma maneira geral o escritor continuará negando o discurso de determinadas instâncias relacionadas com o poder, que poderíamos caracterizar como a Curitiba oficial (a dos administradores e da elite intelectual).

¹⁹ BAUDELAIRE, Charles, *As flores do mal*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 325.

antiga fonte vai se deparar com “ásperas lajes” – para bem caracterizar o processo de modernização da velha Paris no século XIX. “Fecundou-me de súbito a fértil memória, / Quando eu cruzava a passo o novo Carrossel. / Foi-se a velha Paris (de uma cidade a história / Depressa muda mais que um coração infiel) (...)”.²⁰

Ao estudar a modernidade em Baudelaire, Walter Benjamin, no *Projeto das passagens*, revela que a modernidade, ao mesmo tempo em que possibilita uma interação entre o mercado de imagens, da moda e do fetiche das mercadorias com os sonhos coletivos, visando colocar a produção a serviço da felicidade de todos, por outro lado expõe imagens dialéticas, através das quais se poderia medir o grau de consciência histórica das diferentes classes sociais.²¹

Assim, por exemplo, os operários de Paris aparecem, num primeiro momento, como alienados executores do “embelezamento estratégico” da cidade, planejado pelo prefeito Haussmann: constroem largas avenidas que “impossibilitam o erguimento de barricadas” e “estabelecem o caminho mais curto entre os quartéis e os bairros operários”. Num segundo momento, “tomam consciência do caráter inumano da capital”, o que se torna um elemento atuando na insurreição da Comuna.²²

Diante desse novo tempo, o pensamento de Baudelaire abriga muitas contradições. Não é à toa que Marshall Berman ob-

serva que na obra do poeta simbolista há visões distintas da modernidade, que muitas vezes estão em oposição. Ou seja, as celebrações líricas da vida moderna em determinado momento se contrapõem às veementes denúncias contra a modernidade, como nos poemas “*Os olhos dos pobres*” (1864) e “*A perda do halo*” (1865).²³

Assim como em Baudelaire, as transformações urbanas da cidade, a certa altura, também vão afetar, sobremaneira a ficção de DT. Mas esse posicionamento contra o que se poderia chamar de modernidade tardia se revela em DT principalmente nos textos híbridos, uma vez que nos contos predomina o espaço da cidade em seu aspecto positivo, no sentido da aglomeração e da possibilidade do convívio social intenso, para o bem e para mal, entre os personagens.

A exceção nos contos, no entanto, fica evidenciada nos textos “*Cemitério de elefantes*” e “*Uma vela para Dario*”, onde se denuncia a degradação do espaço como organizador da vida do sujeito.

Em relação aos textos híbridos, aquele que mais representa o eu cindido do narrador frente às súbitas transformações da cidade é “*Curitiba revisitada*”. Nesse, o escritor curitibano vai denunciar o espaço urbano apenas como ponto de passagem, a partir da abertura de novas ruas e no aumento da velocidade dos veículos que cruzam a cidade.

²⁰ *Ibidem*, p. 327.

²¹ BOLLE, Willi, *Fisiognomia...*, *op.cit.*, p. 68.

²² *Idem*.

²³ BERMAN, Marshall, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 143.

Como diz Richard Sennett, em *Carne e pedra*, o espaço urbano, na contemporaneidade, é marcado pela experiência da velocidade, do corpo que se move passivamente para destinos descontínuos e fragmentados. “O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele”.²⁴

Sennett continua, observando um fenômeno que compreende as redes de sociabilidades nos novos tempos: “A massa de corpos que antes aglomerava-se nos centros urbanos hoje está dispersa, reunindo-se em pólos comerciais, mais preocupada em consumir do que com qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário. Presentemente, a multidão sente-se ameaçada pela presença de outros seres humanos que destoam de suas intenções”.²⁵

Em “Curitiba revisitada”, o discurso raivoso do narrador – e que indica a certeza de que não sobraram da Curitiba mais do que “uma Rua 15 inteirinha de mortos” e “uma cidade fantasma” – termina com outra paráfrase revelando que Dalton Trevisan é um grande lei-

tor não só de Fernando Pessoa, mas também de Carlos Drummond de Andrade. O texto finaliza com as frases:

*Curitiba é apenas um assobio com dois dedos na língua
Curitiba foi não é mais.*²⁶

No final de “Confidência do itabirano”, Drummond também dá o atestado de óbito de sua cidade num mesmo ritmo:

*Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói?*²⁷

Ao chegar ao final de “Curitiba revisitada” ou da obra *Em busca de Curitiba perdida*, o leitor vai se deparar com um desenho em que Dalton Trevisan aparece de costas. Numa das mãos, ele leva os livros, a outra traz o punho cerrado, gesto que ironicamente não se dá por acaso.

²⁴ SENNETT, Richard, *Carne e Pedra*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Record, p. 17.

²⁵ *Ibidem*, p. 19.

²⁶ TREVISAN, Dalton, *Em busca de...*, op.cit., p. 90.

²⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de, *Antologia Poética*, 12ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978, p. 36.

Jornais/Revistas

- CURITIBA, “festa e exemplo”, *Folha do Paraná*, Curitiba, p. 2, 28, mar. 1993.
- CURITIBA, “209 anos de uma cidade modelo”, *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 18, 29, mar. 1992.
- CURITIBA, “exemplo de cidade”, *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 6, 29, mar. 1993.
- GAZETA DO POVO, “Curitiba: Diários Associados”, 29 mar. 1993. Suplemento Especial. 16p.
- TREVISAN, Dalton, “Que fim levou o vampiro de Curitiba”, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 de mar. 1992, Caderno G, p. 1.
- “Uma trezentona enxuta e moderna”, *O Estado do Paraná*, Curitiba, p. 1, 28-29, mar. 1993.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de, *Antologia poética*, 12ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- BAUDELAIRE, Charles, *As flores do mal*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- BENJAMIN, Walter, *Obras escolhidas III: Rua de mão única*, 5ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.
- _____, *Das passagens werk*, Ed. Rolf Tiedemann, 1982, GS, 2º v.
- BERMAN, Marshall, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi, *Fisiognomia da metrópole moderna*, Representação da história em Walter Benjamin, 2ª ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.
- MUECKE, D.C., *Ironia e irônico*, São Paulo, Perspectiva, 1995.
- PESSOA, Fernando, *O Eu profundo e os outros Eus*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- SENNET, Richard, *Carne e Pedra*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Record.
- TREVISAN, Dalton, *Em busca de Curitiba Perdida*, Rio de Janeiro, Record, 1992.